

Atividade num ciclo virtuoso?

Informação disponível para o 2T sugere desempenho mais positivo do que o antecipado anteriormente, suportado pelo consumo e pelo turismo. Os indicadores relativos ao consumo privado – vendas a retalho, venda de carros e pagamentos com cartões multibancos – revelaram-se fortes em maio, suportados por um mercado de trabalho resiliente. Adicionalmente, os indicadores relativos ao turismo continuam de vento em popa, com o número de turistas e voos acima dos níveis de 2019. Tudo isto se reflete no sentimento dos agentes económicos, que em junho melhorou entre os consumidores e nos setores da construção e dos serviços. Alguns destes fatores deverão manter-se ativos na segunda metade do ano, nomeadamente a força da atividade turística e a resiliência do mercado de trabalho, a que outros se poderão juntar, como por exemplo o impulso ao investimento que poderá vir dos fundos europeus. Em concreto, é provável que a aprovação de investimentos financiados pelos fundos europeus PT 2020 acelere, pois ainda estão disponíveis até ao final de 2023 2,9 mil milhões de euros (que se não forem aplicados terão que ser devolvidos à UE). Neste cenário, consideramos que há espaço para uma melhoria ligeira das nossas projeções para o crescimento, alteração que faremos no próximo mês.

Inflação abaixo dos 4% em junho. A estimativa rápida do IPC coloca a inflação em junho abaixo dos 4% (3,4%), algo que não acontecia desde antes do início da guerra na Ucrânia, em janeiro de 2022. A inflação subjacente também desceu, para 5,2%, mas de forma mais moderada (tinha sido de 5,4% em maio). Apesar disto, vimos novamente uma subida mensal relevante nos preços dos produtos alimentares não transformados (0,7%), depois de terem descido mensalmente -2,3% em maio com o início da aplicação da medida de «IVA zero». Os efeitos de base na energia (que ainda serão fortes em julho) e a descida homóloga dos preços na produção sustentam a tendência de descida. Contudo, não devemos esquecer que parte do fenómeno inflacionista português é importado e a inflação está mais elevada na zona euro (5,5%), tendo inclusivamente a componente subjacente mostrado resistência em junho (aumentou 0,1 p. p. para 5,4%).

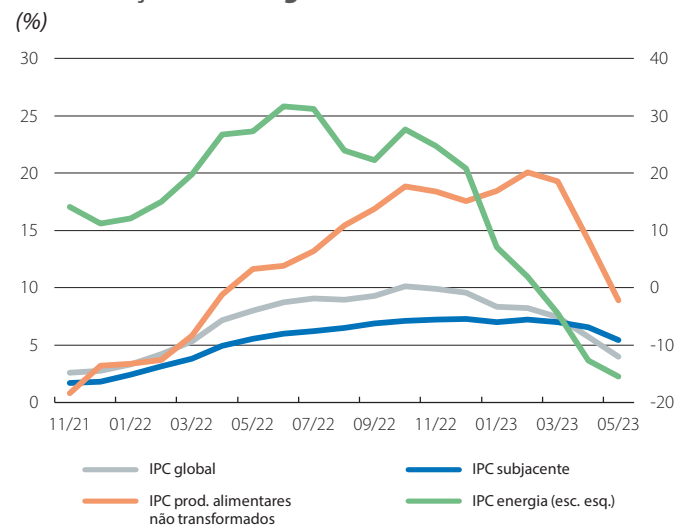
Economia regista capacidade de financiamento face ao exterior no 1T 2023. No ano terminado em março, a capacidade de financiamento situou-se em 0,4% do PIB, uma melhoria significativa face aos -0,6% registados em 2022, resultado das melhorias observadas nos setores da administração pública (ver parágrafo seguinte) e sociedades não financeiras. Entre as famílias a capacidade de financiamento continua a reduzir-se, situando-se no início de 2023 em 0,4% do PIB, refletindo essencialmente a redução da poupança, motivada pelo aumento mais forte do consumo (10,9% homólogo) do que do rendimento disponível (8,2%). Este facto traduziu-se em nova redução da taxa de poupança das famílias para 5,9% do rendimento disponível, um nível apenas comparável aos observados em 2008.

Variações homólogas (Nível)

	abr-23	may-23	jun-23
Indicador de clima económico	2,3	1,6	1,6
Indicador de sentimento económico	102,1	99,0	99,9
Indicador diário de atividade	2,1	3,7	1,5
Vendas a retalho	2,5	3,1	–
Venda de carros	27,8	54,6	–
Importações de bens de capital (acum. ano)	9,1	–	–
Vendas de cimento	8,1	3,3	–
Consumo de eletricidade	-5,6	-2,0	–
Nº Turistas não residentes (mil)	1.669,6	–	–
Nº de voos (yoy 2019)	5,0	5,2	–
Varição desemprego registado (mil pessoas)	-19,0	-10,5	–
Varição no emprego (mil pessoas)	34,6	62,8	–

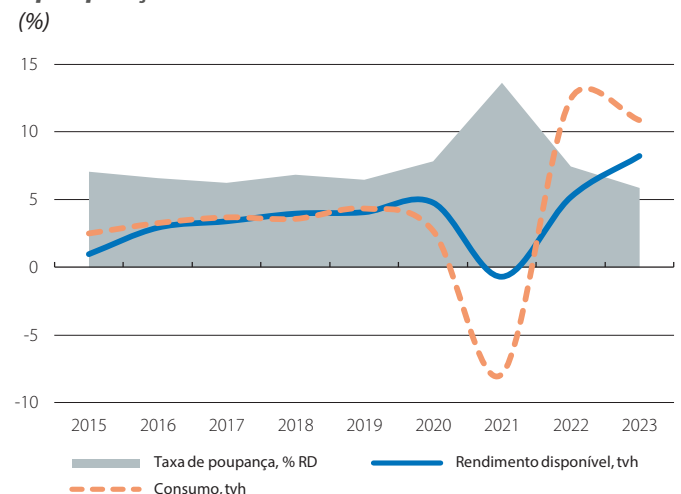
Fonte: Banco BPI, com base em INE, Banco de Portugal, CE.

IPC: variação homóloga



Fonte: BPI Research, com base nos dados do INE.

Famílias: rendimento disponível, consumo e poupança



Fonte: BPI Research, com base nos dados do INE.

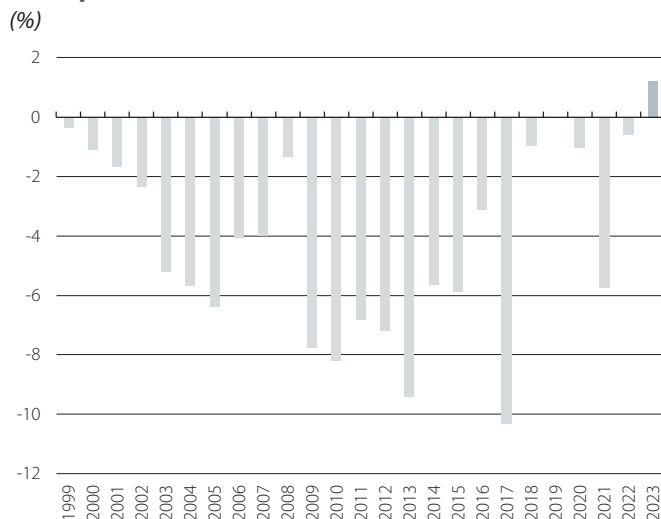
O setor público teve um comportamento muito positivo no 1T do ano, tendo registado o primeiro excedente, em sede de contas nacionais, nos primeiros 3 meses do ano, pelo menos nos últimos 24 anos. Nos três primeiros meses do ano, a administração pública registou um excedente equivalente a 1,2% do PIB, que reflete o impacto da força do mercado de trabalho e o bom momento da atividade na coleta de impostos. Com efeito, face ao período homólogo o aumento da receita de impostos sobre o rendimento e património (12%), sobre a produção e importação (6% yoy), e contribuições e prestações sociais (4% yoy) superou o aumento do consumo (4%) e do investimento (4%) públicos. O bom desempenho no 1T, refletiu-se na obtenção também de um excedente no ano terminado em março equivalente a 0,1% do PIB, o que compara com um défice de 1,7% do PIB no período homólogo e de 0,4% no final de 2022.

Preço das casas entra 2023 a aumentar. No 1T 2023 o Índice de Preços da Habitação (IPH) cresceu 1,3% em cadeia e 8,7% em termos homólogos. Apesar do número de transações estar a descer mais de 20% face ao mesmo período de 2022, o ritmo de crescimento em cadeia dos preços foi mais forte que no 4T 2022 (1,1%) contrariando a tendência de abrandamento em cadeia que já se verificava há três trimestres consecutivos. Já outros dados referentes a maio parecem corroborar a ideia que este mercado está muito resiliente. Por exemplo, o valor mediano de avaliação bancária na habitação foi de 1.510 euros por metro quadrado (mais 19 euros face a abril), e, o *survey* mensal da Confidencial Imobiliário indica que os Promotores imobiliários apresentam expectativas positivas para os preços (a 3 meses).

Em maio, manteve-se a tendência de contração da carteira de crédito e dos depósitos. Começando pelo crédito, houve uma redução de 1,1% homólogo da carteira de crédito do setor privado não financeiro, motivada pelo agravamento do ritmo de queda do crédito a empresas não financeiras para -3,7% homólogo e com o crédito para aquisição de habitação a registar uma contração de 1,5%, pela primeira vez desde junho 2020. Entretanto, o *stock* de crédito a particulares continua a crescer, ainda que a ritmo mais moderado (0,4% yoy em maio vs. 0,8% em abril), resultado do crescimento de 7% yoy do crédito ao consumo.

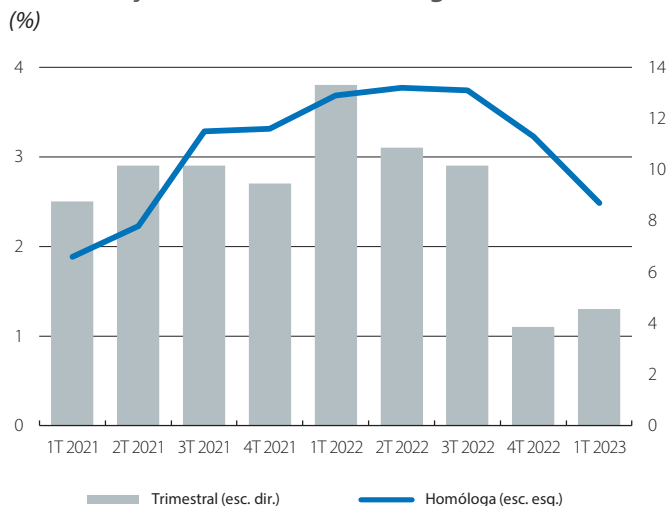
Por sua vez, os depósitos mantêm a tendência de contração, tendo os depósitos totais contraído face a maio de 2022 0,9% (-0,2% em abril). Aqui é a diminuição dos depósitos de particulares o principal fator por detrás deste movimento. Em maio, estes diminuíram 2,7% yoy (-1,6% em abril); enquanto que os das empresas continuam a crescer, mas a ritmo mais lento (1,4% vs. 1,6% em abril). Entretanto, os dados do sistema financeiro no 1T 2023, mostram um pequeno aumento de 1 décima do rácio NPL, motivado pelo agravamento, também de 1 décima dos NPL no crédito ao consumo e outros fins. O rácio NPL das empresas não financeiras regrediu 2 décimas para 6,3%. A solvabilidade do sistema financeiro melhorou no 1T, com o rácio CET1 a situar-se em 15,6% (15,4 no 4T 22); o rácio *cost-to-income* caiu para 39,4%, menos 12,6 pontos percentuais, beneficiando de uma forte melhoria do produto bancário.

Setor público: saldo no 1T (contas nacionais)



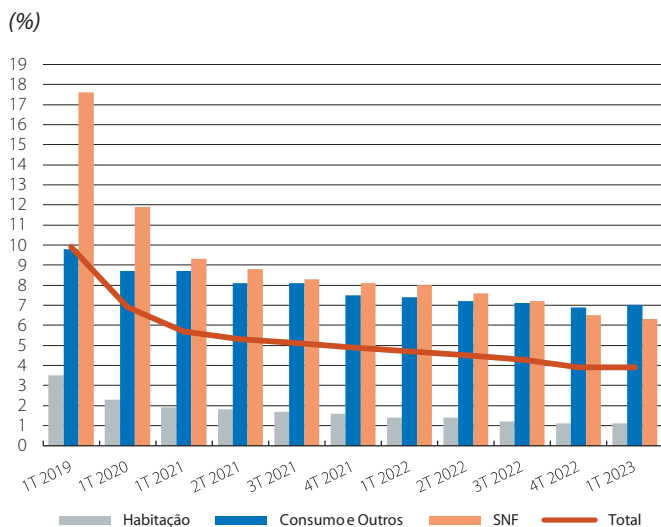
Fonte: BPI Research, com base nos dados do INE.

IPH: variação trimestral e homóloga



Fonte: BPI Research, com base nos dados do INE.

Sistema bancário: rácios NPL



Fonte: BPI Research, com base nos dados do Banco de Portugal.

Back to the future: a nova vaga de turistas dos EUA

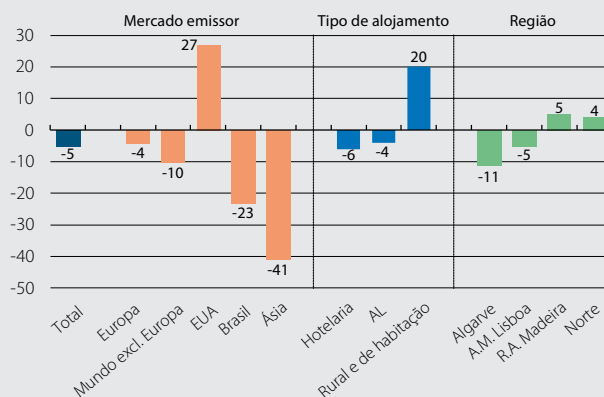
No famoso filme mencionado no título deste artigo, o protagonista tem a oportunidade de viajar no tempo, ao passado, intervir nos seus episódios e tornar o futuro mais harmonioso. Infelizmente, é impossível apagar o episódio negro da pandemia do filme do turismo nacional. Mas, o setor ainda vai a tempo de ser o protagonista e retomar o curso da história feliz que vivia nos últimos anos até 2019: entre 2013 e 2019 Portugal praticamente duplicou o número de hóspedes não residentes, superando os 16 milhões nesse ano. A forma como a recuperação pós-pandemia se tem vindo a desenrolar já em outros artigos foi abordada,¹ mas neste queremos particularizar o que tem ocorrido num dos atuais mercados emissores «estrela»: os Estados Unidos da América (EUA).

Em 2022 a recuperação do turismo de não residentes face aos níveis de 2019 não foi plena como podemos ver no primeiro gráfico. Em termos globais as dormidas ainda foram -5% e o *lag* ainda é maior se falarmos dos outros mercados emissores, excluindo países da Europa. Em especial os turistas asiáticos: a política Covid zero foi muito dura na China e estendeu-se pela quase totalidade desse ano. Duas regiões que em conjunto representaram 60% das dormidas de estrangeiros –Algarve e A.M. Lisboa– registaram ainda -11% e -5% de dormidas, respetivamente. Os EUA aparecem aqui como um *outlier* no sentido positivo: as dormidas em 2022 superaram o nível de 2019 em 27%. Com este desempenho, ultrapassaram a Alemanha tornando-se o quarto maior país emissor de turistas para Portugal (segundo gráfico). A boa tendência continua em 2023, acentuando-se. Por exemplo, o número de hóspedes provenientes dos EUA no 1T 2023 cresceu face ao 1T 2019 uns extraordinários 79%, mais 116 mil turistas. Este número explicou mais de um terço da variação total de turistas não residentes entre estes dois períodos (342 mil). Uma nota também para os sinais de diversificação do setor plasmados no bom crescimento das visitas de turistas oriundos do Canadá e da Polónia. Os volumes transacionais com cartões bancários² são outra evidência desta nova vaga de turismo norte-americano. No 1T 2023 os gastos com cartões dos EUA são os terceiros mais elevados (atrás dos de França e Reino Unido), e, mais especificamente, os gastos destes cartões na categoria «Alojamento» aceleraram uns extraordinários +93,5% comparativamente ao mesmo período de 2022.

Os números são esclarecedores, mas quais serão os motivos? A resposta é multifacetada. Em primeiro lugar, verifica-se um aumento dos pedidos de estatuto de residente e de residentes com origem nos EUA. Em 2021 (últimos

Composição das dormidas de estrangeiros em 2022

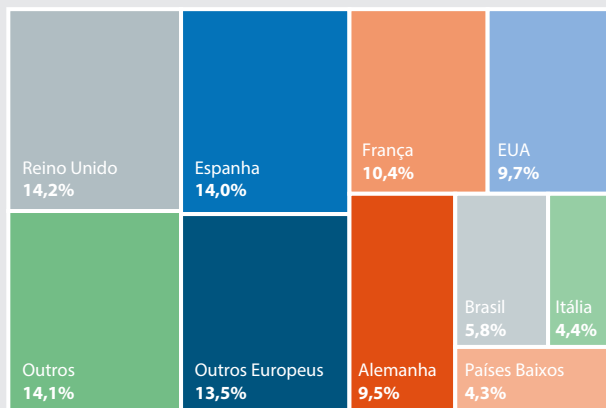
Var. face a 2019 (%)



Fonte: BPI Research, com base nos dados do INE.

Hóspedes estrangeiros por país (2022)

Em % do total de hóspedes estrangeiros



Fonte: BPI Research, com base nos dados do INE.

dados disponibilizados pelo INE), os pedidos de estatuto de residente mais do que duplicaram e os residentes com nacionalidade norte-americana aumentaram 44%. Já em 2022, sabemos que Portugal foi o país da UE mais procurado por americanos interessados em mudar-se para o estrangeiro de acordo com dados da Google.³ Mais americanos a viver (ou com interesse em viver) no país tem efeito multiplicador: um maior número de visitas de familiares e amigos mas também mais visitas turísticas com o intuito de conhecer o nosso país antes da decisão de mudança. Por outro lado, observa-se um aumento da capacidade aérea instalada nos voos Portugal-EUA: no verão de 2019 viajou-se para Portugal de 8 cidades através de 4 compan-

3. Mais de 41,2 mil pesquisas mensais em 2022, superando a Espanha (2º país mais pesquisado, com 38,9 mil). Ver <https://www.dnoticias.pt/2022/12/2/338723-portugal-destrona-a-espanha-como-o-destino-europeu-numero-1-para-norte-americanos-se-mudarem-para-o-exterior-em-2022/#>

1. Ver «Verão 2022: balanço da atividade turística» no documento de Informação Mensal de Dezembro 2022.

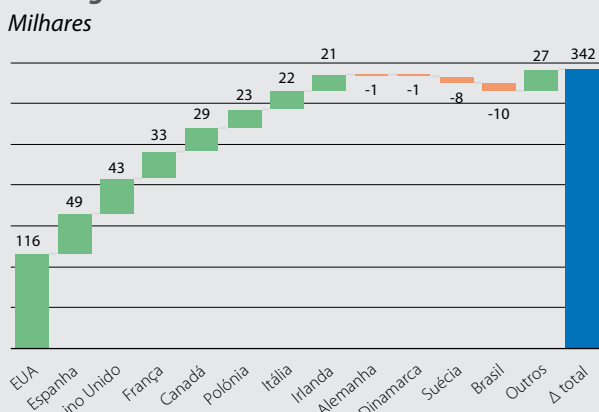
2. Dados da SIBS analytics.

hias aéreas e com uma frequência semanal de 79 voos. Para o verão de 2023 estão previstas 5 companhias aéreas, mais rotas e 121 voos semanais.⁴ Também importante terá sido a campanha «Close to US» levada a cabo pelo Turismo de Portugal e focalizada no mercado dos EUA. Esta campanha arrancou com o «take over» de todos os ecrãs digitais da emblemática praça Times Square em Nova Iorque e ocorreu em associação com o evento de lançamento da figura de cera de Cristiano Ronaldo no museu Madame Tussauds New York. Mas além destas ações emblemáticas, existe um plano mais alargado com a presença do «Destino Portugal» em plataformas de negócio, nomeadamente feiras e *workshops*; a implementação de uma estratégia de relações públicas tendo como alvo os principais *opinion makers* do país; e ainda uma forte campanha de marketing digital. Ademais, Portugal está a beneficiar de outros fatores de competitividade extra-preço, e que são valorizados no atual contexto, especialmente nas dimensões sanitárias e de segurança (quarto gráfico). Por último, outros fatores (domésticos, dos EUA) que genericamente suportam o turismo dos norte-americanos: desemprego historicamente baixo e resiliência do consumo privado; poupanças excedentárias acumuladas no período pandémico; e, preço do *jet fuel* em níveis pré-guerra na Ucrânia.

Mas a importância do mercado dos EUA não deriva só de padrões quantitativos, que já elencámos, mas também qualitativos: os turistas dos EUA são, de entre os principais mercados emissores, os que registam a segunda mais elevada percentagem de dormidas em hotéis de 5 estrelas (39%). Cruzando os dados de receitas de exportação de viagens e turismo da balança de pagamentos⁵ com os dados de hóspedes e de dormidas verificamos que os turistas dos EUA são também os que apresentam o terceiro maior nível de receita por dormida: 543 euros. Ou seja, impulsionam turismo de maior valor acrescentado, apoiando o restabelecimento dos níveis pré-pandémicos de turismo da região de Lisboa (atendendo a que mais de 50% das suas dormidas são nesta região). Esta evolução do turismo dos EUA é então um contributo importante para um movimento mais alargado, constatando-se que as exportações de turismo em Portugal têm apresentado um crescimento mais marcado do que os países concorrentes, e portanto, ganhos de quota de mercado. Para tentar materializar em números o que pode significar o turismo dos EUA em 2023 fizemos um exercício simples considerando dois cenários. No primeiro, assumimos que o crescimento de hóspedes dos EUA dá-se até ao final do ano ao mesmo ritmo que aumentou até abril (face a 2019). No segundo, assumimos que o turismo *outbound* dos EUA retoma o nível pré-pandemia e Portugal mantém a quota

4. Dados do TravelBI (Turismo de Portugal): <https://travelbi.turismodeportugal.pt/movimentos-aereos/capacidade-aerea-estimada/>
 5. Corresponde às receitas obtidas quando um indivíduo residente noutro país se desloca a Portugal no âmbito de uma viagem ou estadia temporária (registadas a crédito na balança de serviços)

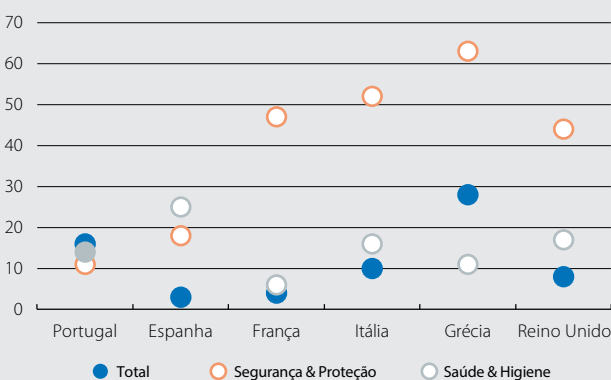
1T 2023 vs 1T 2019: variação do nº de turistas estrangeiros



Fonte: BPI Research, com base nos dados do INE.

Competitividade do Turismo

Ranking dos países em 2021 (vai de 1 = melhor a 117 = pior)



Fonte: BPI Research, com base nos dados do World Economic Forum (Travel & Tourism Development index). O ranking engloba 117 países.

neste mercado observada em 2022.⁶ O primeiro cenário traduzir-se-ia num incremento em número de hóspedes face a 2022 de 730 mil e mais 906 milhões de euros de exportações. O segundo cenário, traduzir-se-ia num incremento em número de hóspedes face a 2022 de 345 mil e mais 429 milhões de euros de exportações. Independentemente da materialização de qualquer um destes cenários, todas as condições se reúnem para que o turismo dos EUA sirva de apoio a que 2023 seja o ano de todos os recordes no turismo nacional. É hora de regressar ao futuro.

Tiago Belejo Correia

6. A emissão de turistas dos EUA para o exterior foi de 99,2 milhões em 2019; 33,1 milhões em 2020; 18,7 milhões em 2021; e, 80,7 milhões em 2022 (dados do U.S. Department of Commerce, International Trade Administration, National Travel and Tourism Office (NTTO)). A quota de Portugal foi de 1,2% (2019); 0,4% (2020); 0,7% (2021) e 1,9% (2022).

Património financeiro das famílias aumenta apesar da redução da poupança

A taxa de poupança das famílias recuou para níveis só observados em 2008, ano em que eclodiu a crise financeira internacional, indicando que houve uma aceleração na utilização das poupanças acumuladas durante a pandemia, maioritariamente como medida de mitigação dos efeitos da espiral inflacionista que assistimos em 2022 e que só agora começa a dar algumas tréguas. Assim, em 2022 a taxa de poupança das famílias situou-se em 6,1%, menos 8 décimas do que a média registada entre 2015 e 2019 e claramente abaixo da taxa de poupança média registada em 2020-2021. Em termos absolutos, o fluxo de poupanças ascendia no final de 2022 a 12.550 milhões de euros, menos 680 milhões de euros do que em 2021, mas 3.100 milhões de euros acima da média registada entre 2015-19, sugerindo que houve um desfazer forte das poupanças excedentárias, não só por causa do aumento do custo de vida, mas também muito provavelmente, porque as famílias foram normalizando os seus padrões de consumo.

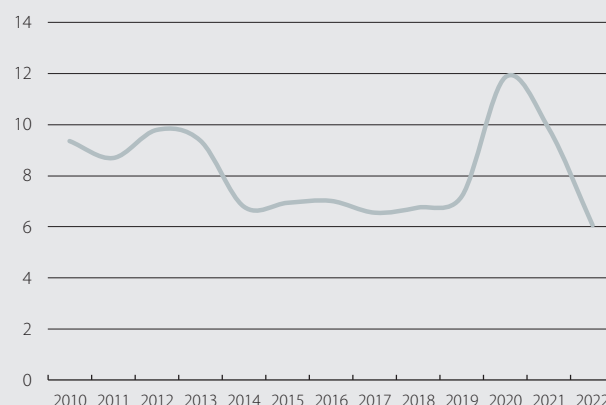
A redução da poupança foi acompanhada pela aceleração do consumo nominal.¹ Este último registou um crescimento de 12,5%, claramente acima do avanço observado no rendimento disponível, que aumentou 7,8%. O avanço deste último ficou aquém dos crescimentos das remunerações recebidas (9,6%) e dos rendimentos de propriedade (10,3%), refletindo o aumento de 12,9% nos impostos sobre o rendimento pagos pelas famílias.

Em linha com a redução da poupança acumulada, houve, em 2022, uma diminuição da aquisição líquida de ativos financeiros. Esta, em 2022, quedou-se pelos 8 mil milhões, o que compara com 24 mil milhões em 2021 e com uma média de 11 mil milhões entre 2015 e 2019. Os depósitos e os produtos de poupança do Estado foram os que mais contribuíram para o aumento dos ativos financeiros das famílias, tendo sido parcialmente compensados pela diminuição das aplicações em títulos de longo prazo, muito provavelmente afetados pelo aumento das taxas de juro e consequente queda do valor do ativo, e em seguros e fundos de investimento. Com efeito, os depósitos aumentaram cerca de 14 mil milhões de euros em 2022, depois de em 2021 já terem aumentado cerca de 12 mil milhões; no período entre 2015-2019, o aumento médio anual dos depósitos foi de 5,7 mil milhões, evidenciando que a poupança ainda continua no radar das famílias, apesar do incremento com as despesas de consumo. Paralelamente, houve um incremento nas aplicações em produtos

1. Neste capítulo é de referir que mesmo em termos reais, deflacionando a despesa de consumo pelo deflator implícito do consumo, este cresceu a um ritmo fortíssimo: 7,3%, superando em grande medida o crescimento do rendimento disponível deflacionado (2,8%) e o das remunerações (4,5%).

Taxa de poupança das famílias

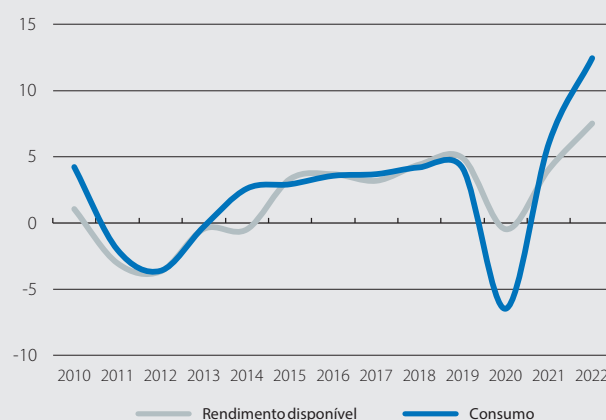
(% do rendimento disponível)



Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

Rendimento disponível e consumo

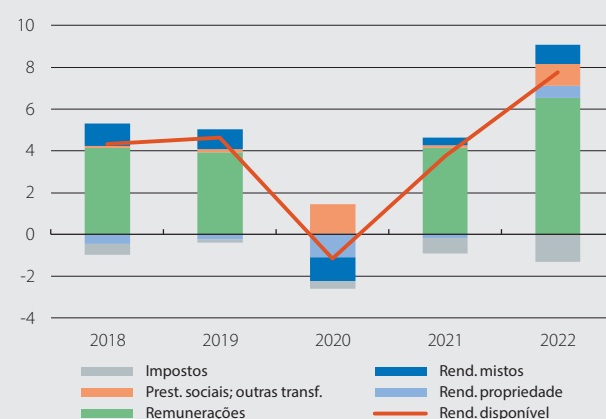
(Variação homóloga %)



Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

Rendimento disponível: contributos

(Pontos percentuais e var. homóloga, %)



Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

de poupança do Estado, o que se explicará pelo facto das rentabilidades oferecidas superarem as dos depósitos bancários. Esta tendência ter-se-á reforçado nos primeiros meses de 2023, mas a recente alteração das condições remuneratórias destes produtos de poupança do Estado (redução da taxa de juro da nova série dos certificados de aforro para 2,5%, antes 3,5%) e a revisão gradual das remunerações praticadas pela banca,² tenderá a reduzir o fluxo de poupanças aplicadas em depósitos para os produtos de estado, sobretudo na segunda metade do ano.

Em termos globais, os ativos financeiros das famílias ascendiam a 481 mil milhões no final de 2022, e a sua estrutura é dominada pelas aplicações em depósitos (47%) e a tendência tem vindo a reforçar-se, pois em média, entre 2015 e 2019 estes representavam 43% das aplicações. Em segundo lugar surgem as aplicações em ações e outras participações que representa ¼ das aplicações das famílias. Mas este aumento das aplicações financeiras das famílias foi acompanhado pelo aumento dos seus passivos, que em 2022 ascendiam a 178 mil milhões de euros, mais 7 mil milhões do que em 2021, colocando o acréscimo do património financeiro líquido das famílias em apenas 1 milhão de euros.

De notar, que este aumento dos passivos é acompanhado por uma melhoria dos rácios de endividamento, que em 2022 representava 61,5% do PIB (57% na zona euro), menos 30 p. p. do que o máximo observado em 2009. E que a cobertura de crédito por depósitos das famílias continua em níveis satisfatórios, com os depósitos a representarem pouco menos de 140% do stock de crédito das famílias.

Face a 2019, os ativos financeiros das famílias aumentaram cerca de 49 mil milhões de euros, ou seja, um incremento de 11,3%, resultado do adiamento de decisões de consumo nos anos de confinamento e acumulação forçosa de poupanças. Todavia, é bom ter presente que este aumento foi inferior ao aumento dos preços no mesmo período (12,3%), o que terá corroído parte do valor real dos ativos das famílias.

Em percentagem do PIB, tanto o património financeiro bruto das famílias como o líquido ainda excediam a média do período pré-covid (2015-2019). O primeiro representava 208% do PIB e o segundo 126,5%.³

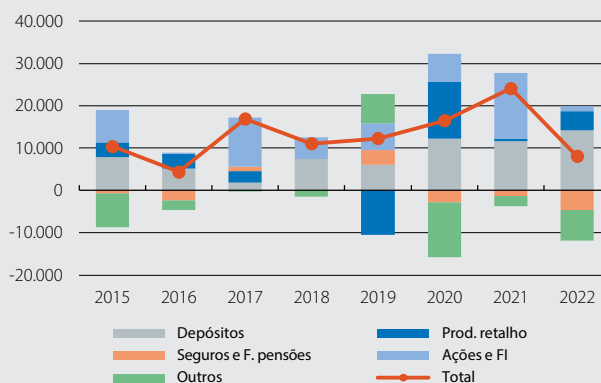
Teresa Gil Pinheiro

2. O rácio de transformação da banca (empréstimos/depósitos) era de 78% no final de 2022, evidenciando o elevado grau de liquidez da banca, limitando o incentivo de revisão (subida) das taxas de juro oferecidas aos clientes.

3. A nível europeu ainda não há dados para 2022 e os indicadores publicados pelo Eurostat não coincidem integralmente com os dados do Banco de Portugal. A informação comparativa para 2021 coloca Portugal, no que concerne à riqueza financeira líquida das famílias, cerca de 10 pontos percentuais abaixo da zona euro. Com base nos dados do Eurostat, a riqueza financeira líquida de Portugal em 2021 representava 153% do PIB, o que compara com 183% para o conjunto da zona euro, 161% na Alemanha, 197% em França, 243% em Itália e 165% em Espanha.

Variação anual dos ativos financeiros das famílias

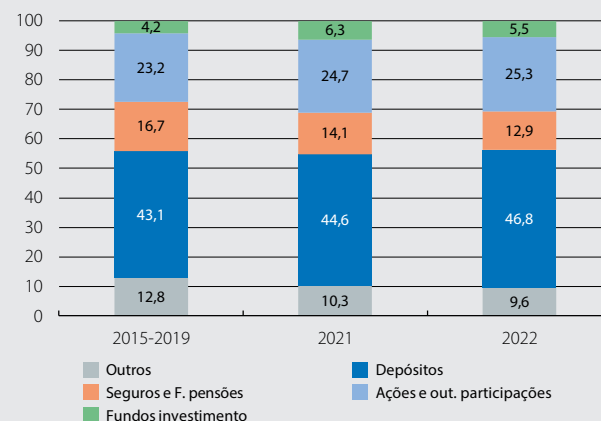
(Milhões de euros)



Fonte: BPI Research, com base em dados do Banco de Portugal.

Estrutura da riqueza financeira das famílias

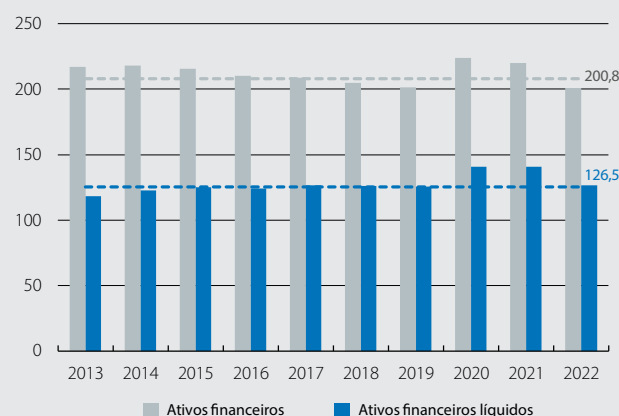
(% do total)



Fonte: BPI Research, com base em dados do Banco de Portugal.

Ativos financeiros das famílias

(% do PIB)



Fonte: BPI Research, com base em dados do Banco de Portugal.

Indicadores de atividade e emprego

Percentagem de variação em relação ao mesmo período do ano anterior, exceto quando é especificado o contrário

	2021	2022	3T 2022	4T 2022	1T 2023	2T 2023	04/23	05/23	06/23
Índice coincidente para a atividade	3,4	5,8	5,2	4,4	4,5	...	5,0	5,2	...
Indústria									
Índice de produção industrial	4,5	0,4	1,8	-0,3	1,0	...	-6,9	-4,5	...
Indicador de confiança na indústria (valor)	-5,3	-3,4	-4,8	-6,3	-5,0	-5,6	-3,7	-5,5	-7,7
Construção									
Licenças de construção - habitação nova (número fogos)	13,5	6,2	-3,2	13,5	7,6	...	-6,0
Compra e venda de habitações	20,5	1,3	-2,8	-16,0	-20,8	...	-	-	-
Preço da habitação (euro / m ² - avaliação bancária)	8,6	13,8	15,8	13,6	12,9	...	10,0	9,4	...
Serviços									
Turistas estrangeiros (acum. 12 meses)	51,5	158,6	244,4	158,6	116,9	...	89,0	67,4	...
Indicador de confiança nos serviços (valor)	0,1	15,1	16,9	9,9	11,1	13,4	15,9	12,7	11,7
Consumo									
Vendas no comércio a retalho	4,9	4,8	3,3	0,0	1,7	...	2,4	3,0	...
Indicador coincidente do consumo privado	4,9	4,1	2,8	2,1	3,0	...	4,0	4,5	...
Indicador de confiança dos consumidores (valor)	-17,2	-29,7	-31,8	-37,0	-35,1	-29,4	-31,7	-29,8	-26,8
Mercado de trabalho									
População empregada	2,8	2,0	1,1	0,5	0,5	...	1,0	1,3	...
Taxa de desemprego (% da pop. ativa)	6,6	6,0	5,8	6,5	7,2	...	6,5	6,4	...
PIB	5,5	6,7	4,8	3,2	2,5	...	-	-	-

Preços

Percentagem de variação em relação ao mesmo período do ano anterior, exceto quando é especificado o contrário

	2021	2022	3T 2022	4T 2022	1T 2023	2T 2023	04/23	05/23	06/23
Inflação global	1,3	7,8	9,1	9,9	8,0	4,8	5,7	4,0	3,4
Inflação subjacente	0,8	5,6	6,5	7,2	7,1	6,0	6,6	5,4	5,2

Setor externo

Saldo acumulado durante os últimos 12 meses em milhares de milhões de euros, exceto quando é especificado o contrário

	2021	2022	3T 2022	4T 2022	1T 2023	2T 2023	04/23	05/23	06/23
Comércio de bens									
Exportações (variação homóloga, acum. 12 meses)	18,3	22,9	22,7	22,9	21,5	...	19,6
Importações (variação homóloga, acum. 12 meses)	22,0	31,4	35,2	31,4	24,4	...	21,3
Saldo corrente	-1,6	-3,2	-4,2	-3,2	-1,1	...	-0,9
Bens e serviços	-5,5	-4,9	-5,3	-4,9	-2,9	...	-2,3
Rendimentos primários e secundários	3,9	1,7	1,1	1,7	1,8	...	1,4
Capacidade (+) / Necessidade (-) de financiamento	2,1	-1,1	-1,9	-1,1	1,5	...	1,6

Crédito e depósitos dos setores não financeiros

Percentagem de variação em relação ao mesmo período do ano anterior, exceto quando é especificado o contrário

	2021	2022	3T 2022	4T 2022	1T 2023	2T 2023	04/23	05/23	06/23
Depósitos¹									
Depósitos das famílias e empresas	9,3	6,4	7,8	6,4	0,5	...	-0,8	-1,6	...
À vista e poupança	16,3	7,3	11,2	7,3	-3,1	...	-5,0	-6,6	...
A prazo e com pré-aviso	1,2	5,2	3,3	5,2	5,4	...	5,1	5,3	...
Depósitos das Adm. Públicas	-4,1	12,4	-0,1	12,4	11,1	...	21,3	26,0	...
TOTAL	9,0	6,5	7,5	6,5	0,8	...	-0,2	-0,9	...
Saldo vivo de crédito¹									
Setor privado	2,9	1,8	2,3	1,8	0,0	...	-0,6	-1,1	...
Empresas não financeiras	2,2	-0,4	0,1	-0,4	-2,1	...	-3,0	-3,7	...
Famílias - habitações	3,3	3,2	3,8	3,2	1,5	...	1,1	0,5	...
Famílias - outros fins	3,0	2,9	3,3	2,9	0,0	...	-0,2	0,1	...
Administrações Públicas	3,8	-2,7	-1,5	-2,7	-2,0	...	-2,0	-1,5	...
TOTAL	2,9	1,6	2,2	1,6	-0,1	...	-0,7	-1,1	...
Taxa de incumprimento (%)²	3,7	3,0	3,2	3,0	3,1	...	-	-	-

Notas: 1. Residentes em Portugal. As variáveis de crédito incluem titularizações. 2. Dado fim do período.

Fonte: BPI Research, a partir dos dados do INE, do Banco de Portugal e Refinitiv.